



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIZA LOY BERTOLI PEREIRA (2)

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRG

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-554

Entrevistada: Luiza Loy Bertoli Pereira

Nascimento: 15/02/1995

Local da entrevista: CEME - ESEF/UFRGS, Porto Alegre

Entrevistadora: Claudia Yaneth Martínez Mina

Data da entrevista: 02/12/14

Transcrição: Luiza Loy Bertoli Pereira

Copidesque: Claudia Yaneth Martínez Mina

Pesquisa: Claudia Yaneth Martínez Mina e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 16 minutos e 41 segundos

Páginas Digitadas: 8 páginas.

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Dificuldades na prática de futsal; Significados relacionados com a prática esportiva do futsal; Representação de feminilidade; Cuidados com aparência; Cuidados com o corpo; Vestuário; Valores aprendidos no futsal; Apoio e incentivo familiar da prática de futsal.

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2014. Entrevista com Luiza Loy Bertoli Pereira a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M.– Bom, Luiza, então vamos continuar a entrevista anterior... Eu quero que retomemos o tema das dificuldades como mulher que você tem por jogar futsal. Só vamos relembrar um pouco.

L.B.– Dificuldades de aceitação, primeira e principal dificuldade. O fato de todo mundo achar que mulher não joga bola. Claro que por minha parte, eu não tive muita dificuldade, porque eu sempre tive um apoio por trás, muito próximo, então, eu não tive tanto. Mas enxergo de outras meninas, não ter essa motivação de jogar bola. Não sei se é o certo chamar de preconceito, mas de começarem a desmotivar a pessoa por fazer algo que não tem a ver com o gênero.

C.M.– No futebol sempre se fala a questão de mulher e do gênero, a mulher e o futebol, que isso é coisa para homem. Qual a sua ideia de ser mulher? O que é ser mulher para você?

L.B.– Olha, ultimamente a mulher vem mudando bruscamente no sentido de limite, o limite da mulher. Mulher anda ultrapassando os limites que muita gente não se enxergava. O primeiro de tudo é conseguir trabalhar, estudar e ainda sustentar uma família. Tem várias mulheres que eu admiro por ter coragem, muitas mulheres têm coragem. Na verdade, não existe muita diferença entre mulher e homem, é só o corpo, porque ambos podem fazer o que quiser se estiver com um objetivo, se for motivado a seguir o determinado objetivo que está fazendo.

C.M.– Você acha que a prática de futsal interfere na sua feminilidade?

L.B.– Na minha feminilidade não, mas no que os outros pensam ao meu respeito, sim.

C.M. – Pode ampliar um pouco?

L.B. – Bom, tem pessoas que olham de fora e enxergam mulheres jogando bola e já pensam que elas não são mulheres, que elas têm alguma coisa de diferente. Claro que gostar de futebol não é alguma coisa diferente, mas no sentido de não serem femininas. Homem acha que mulher que joga bola não é feminina, acham que não tem seus toques de vaidade, é o que eu enxergo. Eu acho que é isso. Quem olha de fora, enxerga uma mulher jogando bola acha que a mulher não tem nenhum toque de cuidado, que é agressiva, não tem uma vaidade, um cuidado feminino quanto ao corpo, com as coisas na volta dela. Mas pessoalmente e particularmente, eu acho que não afeta em nada.

C.M. – Você falou sobre a feminilidade. O que você acha que é ser feminina?

L.B. – Não sei bem se é o que eu acho. Mas no sentido de se vestir, de falar, conversar, não só falar, mas em uma conversa, saber falar sobre diversos assuntos sem ser um assunto muito.... Fugiu-me a palavra. Mas é uma mulher que demonstra cuidado consigo mesma, cuidado com as pessoas ao redor, uma coisa mais radical no sentido de olhar as coisas com mais perfeição, ser mais detalhista, isso para mim é ser muito feminina. Eu não sou muito assim, então tem poucas coisas que cuido de detalhes. Não que eu não cuide alguns detalhes, mas tem mulheres que cuidam de mais coisas do que outras. Para mim é isso, ser feminina, tu cuidar para ver se a roupa combina e se está adequado ao teu próprio corpo, cabelo, essas coisas assim.

C.M. – A vaidade entra no conceito de feminilidade que você tem?

L.B. – Entra, com certeza. Acho que é uma das... Tem muitas coisas que eu penso como todo mundo, então, eu acho que vaidade seria uma das características principais quando se fala de feminilidade.

C.M. – E você é vaidosa?

L.B. – Só com o meu cabelo. [riso] Só com o meu cabelo e algumas partes do corpo, mas não é para tudo também, dependendo, não é para tudo. Tem meninas que eu conheço, que na hora de jogar futebol, deixam o cabelo super arrumado e bem preso para não descabelar. E tem outras que não, tem outras que preferem mais desleixados mesmo, mas é por gostar

disso mesmo. Não sei, vai de cada uma. Eu tenho muito cuidado com o meu cabelo, na hora de jogar bola eu prefiro meu cabelo molhado, quando vou sair ou fazer alguma coisa. Tenho muita preferência pelo meu cabelo quando está cortado. Eu corto o meu cabelo, os primeiros quinze dias, são os dias que mais curto o meu cabelo, quanto a pentear e tudo. Agora dos quinze dias em diante, ele está crescendo, eu começo a desleixar um pouco, pois já não fica mais do jeito que eu quero. Mas eu acho que é isso.

C.M. – Na parte do cabelo e quais as outras partes do corpo?

L.B. – Mãos, tirando quando tenho prova. Cuido muito das mãos, gosto muito da barriga, faço o possível para não aumentar ela. São duas partes do corpo que eu cuido bastante.

C.M. – Quando você joga como você mostra a sua vaidade?

L.B. – Por exemplo, eu não tenho um estilo de jogo agressivo. Então, em muitas das coisas que eu faço, normalmente eu estou jogando e estou brincando, é uma coisa que eu gosto de fazer. Mas o tempo todo que eu estou jogando, cuido para o meu cabelo ficar em pé, se dá um tempo, termina uma partida a outra, eu vou molhar o cabelo, preciso sentir o cabelo molhado. Até para refrescar, sei lá. Mas com as mãos, se eu caio e são como as quadras da ESEF¹, sujas, eu já limpo, porque não gosto de ficar com aquelas poeirinhas. Acho que isso.

C.M. – Em termos de comportamento, o que você acha de uma mulher feminina, nesses termos de comportamento?

L.B. – No jogo, eu não sei te dizer, porque eu acho que quando a mulher está jogando, não pensa muito nesse tipo de coisa. Mas fora do jogo, cuida muito a forma de sentar, acho que é uma das principais coisas, a forma de sentar. Cuida também para ver se o cabelo não cresceu, não saiu algum cabelo para fora do rabicó. Vai ao banheiro ver se não ficou muito avermelhada de correr, tem gurias que fazem isso. Tem umas que cuidam até as unhas, cortam as unhas baixinho para não quebrar durante o jogo, não sei explicar. Acho que isso é o que eu enxergo em algumas atletas que jogam comigo.

C.M. – Você acha que o futsal ajudou em algum aspecto do comportamento?

L.B. – Eu acho que só na parte de eu ser mais firme com as coisas que eu quero. Acho que dentro de quadra eu tenho uma liberdade que fora eu não conseguia ter, de falar e me expressar. Eu acho que o futsal ajudou bastante, porque tu sai da quadra e tem que sentir que aquela liberdade é tua, não é do jogo. E eu passei a trabalhar isso fora de quadra também, eu acho que isso me trouxe realmente do esporte.

C.M. – Isso é algo positivo que o futsal deixou para você, que outra coisa você pode falar?

L.B. – De positivo ou negativo?

C.M. – De positivo.

L.B. – De positivo, no social. Sou muito brincalhona, em vários aspectos e no futsal, como todo mundo acaba tendo uma conversa fixa, que é bola, jogo de futebol, futsal feminino, futebol de campo, Grenal², tanto faz, Copa do Mundo... Eu acho que para o lado de fora eu também levei isso de eu conseguir socializar com as pessoas, sem medo de elas não saberem o assunto, poder falar sobre qualquer outra coisa, passar para elas também, um conhecimento diferente. O que várias gurias passam para mim, no futsal.

C.M. – E tinha algo negativo, para falar?

L.B. – Negativo, só a parte da agressividade, porque eu tento muito ser calma, mas com o futsal acabei sendo temperamental, em alguns aspectos. Em jogo eu não gosto de ser agressiva, mas se alguém se torna agressivo comigo, eu já começo a mudar meu humor, de uma hora para outra.

C.M. – Em termos de valores, o que você aprendeu através do futsal?

¹ Escola de Educação Física e Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Grenal é um clássico de futebol disputado entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional da cidade de Porto Alegre.

L.B. – Olha, não sei se através do futsal, mas acho que na vida o meu pai me ensinou a valorizar cada coisa que as pessoas fizessem por mim. Então, não vem do futsal a valorização que eu faço às pessoas que estão comigo, meu treinador, pessoal da comissão técnica. Sempre valorizei demais o trabalho de cada um, e valorizo muito quando a pessoa joga bem e não há um exibicionismo, é outra coisa que eu valorizo demais, pessoa humilde, que joga bola e joga porque gosta e não para mostrar para os outros que joga bem. É a minha forma de valorizar os outros. Me valorizar no futsal, acho que nunca parei para pensar nisso.

C.M. – Antes você falou que a sua mãe não gosta que você jogue futsal, ainda ela não gosta?

L.B. – Eu entrei em um campeonato no sábado e saí arranhada, toda lanhada, ela ainda me perguntou o porquê que eu ainda faço isso se eu saio machucada do lugar. Eu gosto, ela não se sente bem sabendo que eu estou em um lugar onde a pancadaria rola solta. [riso]

C.M. – Alguém mais da família não gosta que você jogue?

L.B. – Não, não. Não tem. Só ela.

C.M. – E no seu grupo social, alguns amigos não gostam?

L.B. – Depois de um tempo a gente aprende a andar com as pessoas que te aceitam mais. Ultimamente, de uns anos para cá, já tem uns cinco anos que eu já não ando com pessoas que não aceitam as mesmas coisas que a gente. E o meu círculo social acaba sendo com pessoas que tenham os mesmos gostos, os mesmos papos, acho que já não ando mais com pessoas assim.

C.M. – Agora vamos falar sobre o corpo. Como cuida a aparência do seu corpo dentro do futsal?

L.B. – Eu nunca fiz musculação, então, não tenho muito cuidado com o meu corpo. É que o cuidado com o meu corpo é natural, não é muito ligado ao futsal. Não faço musculação

para fortalecimento muscular, nada com isso, pretendo claro, mas ainda não faço isso, não tenho esse foco assim.

C.M. – Mas você pratica alguns exercícios: abdominais?

L.B. – Fora, eu faço abdominal, apoio, caminhada e corrida. Mas é por *hobby*, não com algum objetivo, só por gostar mesmo, mas não com o objetivo de ficar em forma.

C.M. – Vamos falar sobre da roupa. Qual é que tu gosta de vestir mais?

L.B. – Eu me sinto muito à vontade com bermuda e camiseta. Eu adoro verão, então, bermuda e camiseta para mim é perfeito. Mas *shorts* eu não curto tanto, tem algumas meninas que eu sei que adoram *shorts* para jogar. Eu não curto tanto, porque dependendo do lugar que joga, não fica adequado para a prática, é complicado. Mas eu prefiro muito bermuda e camiseta ou regata.

C.M. – E sempre foi assim?

L.B. – Sempre, sempre foi assim.

C.M. – Quando você era menina, era você quem escolhia a roupa?

L.B. – Não. Sempre escolheram as roupas por mim. Mas na minha família, duas pessoas sempre perceberam o estilo que eu gostava mais, e compravam as roupas que eu gostava mais, então eu nunca deixava de usar tais roupas e as roupas ficavam com etiquetas e guardadas, porque eu dizia: “Não gosto, não gosto” Todo mundo ameaçava tirar as roupas do armário, e deixar só as bem femininas mesmo e eu dizia que podia fazer, mas que não mudaria nada: “Vou usar essas femininas aqui, mas quando eu tiver o meu dinheiro e tudo, eu vou voltar a usar, porque eu me sinto mais à vontade em fazer qualquer coisa”, com isso, passaram a aceitar mais o meu estilo de roupa.

C.M. – E essas roupas femininas, quais são?

L.B. – Muita regatinha de alça fina, short, saia, regata nadador. Mas eu não gosto muito de roupas apertadas e coladas no corpo.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]¹

C.M. – E quais são os seus sapatos preferidos?

L.B. – Eu prefiro tênis.

C.M. – Sempre?

L.B. – Assim, 90% dos meus calçados são tênis. 5% é chinelo, mentira, 9% é chinelo e 1% são sapatos para sair. Mas só em ocasiões muito importantes para eu usar um salto, alguma coisa, se não, eu não uso. Prefiro muito tênis e uma camisa social, uma coisa mais solta, mais esportiva. Não gosto muito de roupa de grife.

C.M. – Você utiliza práticas de embelezamento?

L.B. – Não [riso] não.

C.M. – Você acha que talvez tenha alguma inscrição, marca no corpo que te diferencia das outras pessoas como tatuagens, etc.?

L.B. – Não. Marca no meu corpo, marca mesmo, eu só tenho de uma cirurgia quando eu era pequena, e acho que isso mudou um pouco o pensamento do meu pai em relação a coisas futuras, porque foi no joelho. Eu podia não ter pé hoje [riso], podia não ter metade de uma perna hoje, e eu acho que é por isso que ele valoriza tanto eu jogar futebol. Mas eu acho que é a única coisa, porque marca nenhuma, por enquanto, nenhuma.

C.M. – Bom, já para terminar. Você talvez queira falar alguma outra coisa sobre o futsal, sobre a forma você se sente jogando futsal?

L.B. – Não, eu acho que... Eu gosto muito da forma como ultimamente estão lidando com mulher e futebol, mulher e futsal. Porque parece estão abrindo mais as portas para as diferenças. Muitos garotos já estão percebendo que tem muitas mulheres que jogam melhores que eles, está havendo maior aceitação dos meninos em relação a isso. Sem preconceito nenhum e sem agressão verbal, nem nada, sei lá, eu acho que está no caminho certo, onde o futebol está levando, futebol feminino está levando.

C.M. – Luiza. Então, muito obrigada pela entrevista.

L.B. – Muito obrigada, Claudinha.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹ Entrevistada atendeu ao telefone.